

## Embrutecimentopatia

Mário César Ferreira

Professor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília,  
Pós-doutorado na Université Paris 1 Sorbonne. E-mail: mcesar@unb.br

▲ A cena de trabalho se passa numa maternidade conceituada do Distrito Federal. Com a roupa apropriada e ajuda dos auxiliares técnicos, a futura mamãe chega à mesa de parto. As condições ambientais, técnicas e instrumentais para início da cesariana prevista são metodicamente preparadas pela equipe de apoio. A cada segundo, a ansiedade da mãe e do pai acompanhante aumenta exponencialmente. É o primeiro filho do casal. O médico obstetra chega à sala para o primeiro parto do dia. Ele tem uma feição ansiosa; o cansaço crônico transparece. Sua comunicação com a parturiente é monossilábica. Sequer um bom-dia é dito.

Sem se dar conta de que isso aumentaria mais a ansiedade da mãe, ele indaga: qual era o problema cardiológico detectado durante o pré-natal? A mãe mal responde. A ansiedade inibe o funcionamento eficaz da memória. O anestesista dá sinal verde. Tudo pronto para o início da cesariana. O médico obstetra auxiliar chega, com a roupa e luvas adequadas, adentra a sala e inicia o trabalho cirúrgico de apoio. Com habilidades técnicas refinadas, em pouco mais de 20 minutos, ambos fazem a criança nascer e costuram a barriga da mãe. A criança segue para a sala de pediatria com o pai no encalço. A mãe, o tempo todo consciente, com um lençol à frente, nada pode ver abaixo da barriga. Nada diz, pois nenhuma palavra lhe é dirigida. Nem ousa perguntar. O obstetra chefe diz: tarefa feita. Os médicos saem da sala.

No limiar do século 21, essa cena de trabalho deve ser corriqueira nas maternidades do planeta. Mas, historicamente, o trabalho de parto nem sempre foi assim. Ele mudou não só pelos avanços tecnológicos e do conhecimento nessa área da medicina, mas, sobretudo, pelos impactos das mudanças do trabalho na qualidade da relação médico-paciente. Na cena relatada, observa-se um empobrecimento espantoso das relações socioprofissionais: nenhum suporte psicológico é acionado para reduzir a ansiedade momentânea da mãe; nenhuma descrição pedagógica dos procedimentos é feita para atenuar o medo natural que se manifesta no caso da parturiente de primeira viagem; nenhuma palavra é dirigida

ao pai, tratado como se cadeira fosse; o obstetra auxiliar entra e sai sem dirigir uma palavra à mãe e ao pai, nem um definhado olá.

A mãe é apenas uma barriga: não tem sentimentos, não pensa. Ela transforma-se em coisa, em objeto, em problema a ser resolvido. Como na indústria alimentícia, a criança é apenas uma baguete que precisa sair do forno. Nesse script de trabalho cirúrgico reificado é compreensível que, ao término da tarefa, o obstetra auxiliar sequer diga um adeus à mãe, afinal com barriga não se fala.

A postura dos profissionais mencionados é um exemplo inquietante do que a chamada intensificação do trabalho, fruto da reestruturação produtiva na economia globalizada, vem operando. As metamorfoses do trabalho contemporâneo, que se realizam graças ao suporte estratégico da revolução tecnológica, veem acompanhadas do aumento da responsabilidade das tarefas, a aceleração do ritmo de trabalho e a radicalização do controle gerencial por meio dos artefatos informatizados. A intensificação do trabalho que opera a alienação do e pelo trabalho — velha conhecida no setor fabril — mostra sua face mais ou tão cruel no setor de serviços de saúde. Nesse caso, em inúmeras situações e contextos, os usuários se transformam em coisas, em mercadorias, em barrigas.

Os trabalhadores, regra geral, não são os responsáveis pelos efeitos da intensificação. Ao contrário, são vítimas de uma lógica de produção que afasta o trabalho de seu papel ontológico como produtor de bem-estar para si e para os outros. A lógica produtivista, suas engrenagens, seus valores, suas formas de gestão do trabalho e, especialmente, o ritmo alucinante que presidem a intensificação do trabalho dão origem a uma nova morbidade: a embrutecimentopatia. Ela produz uma perda de sensibilidade para com as relações socioprofissionais, um sentimento de estranhamento para com o outro. A embrutecimentopatia ocasiona indiferença doentia em quem trabalha. Faz nascer uma subjetividade regredida. Combatê-la requer colocar o trabalho no seu lugar histórico devido:

modo de produzir a felicidade individual e coletiva.